

Fixada na parede, a placa comemorativa do centenário dizia que era o mais antigo, fundado em 1882. Saí à cata de um canto onde batesse pouco ar condicionado. O restaurante estava cheio. Nas mesas, o vinho tinto encorpado nas taças era de um escuro sólido. O vinho branco mostrava através do cristal a transparência verde da uva. A água, cristalina e fria, condensava e formava trilhas tortuosas que terminavam na toalha branca de algodão regional.

Lá fora corria o tempo de um outro mundo, parecendo que eram dimensões opostas. As pessoas, sentadas no batente das portas, na calçada ou no corrimão da ponte, estavam tostadas do sol seco. Em algumas um filete grosso de suor, nascido dentro da cabeleireira, escorria pela face úmida e oleosa. Os olhares eram vagos. Não havia sorrisos. Havia bocas com expressão de nenhuma alegria. O gesto era como a cena do cinema mudo. As pessoas faziam movimentos com os lábios, abriam os braços, como asas inúteis para voar. Eu via o silêncio lá fora.

"Quero este vinho aqui: Grão Vasco Tinto, 1998. E uma água sem gás. Resfria o vinho, por favor". Na mesa ao lado um sujeito, com a taça do mesmo vinho pela metade, olhava distraído a lista das sobremesas. Percebi um movimento na diagonal esquerda. Olhei e vi uma armadura de alumínio brilhando de polida. Era igual à dos cavaleiros das cruzadas da idade média. Era uma armadura estranha, destoando do lugar, do piso de cerâmica e do teto rodeado de sancas luminosas. Não havia nenhuma antiguidade ali. Só ela. A cabeça estava ligeiramente inclinada para o lado, com uma inércia dos inanimados.

Peguei a rolha de cortiça do Dão Vasco, levei ao nariz como quem entendia alguma coisa de vinho. Senti um aroma azedado de madeira nova molhada. Agradável. Pareceu-me que de dentro da viseira dois olhos me miravam. Notei um brilho e um movimento rápido de abrir-e-fechar de olhos. Segurando a taça grande de cristal, a ergui entre os dedos, sem tocar a copa, onde ficava o vinho. Fitava a armadura. Tinha a impressão de que ela mudava de posição. Ora as pernas mais arqueadas ora os braços mais para trás. "Diziam que essas coisas pesavam um bocado". Balbuciei.

Li o rótulo da garrafa. O vinho era da região de Dão, centro-norte de Portugal, província de Beira Alta. Era de uma coloração rubi, corpo redondo e consistência aveludada na boca. Pela maciez e suavidade, diriam que fora convenientemente envelhecido.

Tive a certeza de ouvir um barulho seco de metal, atritando com outro metal, e de uma batida seca no chão. A minha certeza foi confirmada pelo movimento de cabeças das pessoas da mesa à frente, de uns degustadores profissionais de vinho, cujo congresso se realizava ali. Todos girando ao mesmo tempo, tentando localizar o barulho às suas costas. Seguiu-se um silêncio constrangedor. Até se podia ouvir a respiração dos presentes. A armadura parecendo maior e mais leve deu um passo à frente. Eram passos como os de um dançarino de tango. A cabeça moveu de um lado para o outro. A espada fez um movimento circular em velocidade incalculável.

Pensei que era simplesmente um show, para agradar a clientela. Não era.

Na mesa vizinha, o sujeito olhava espantado para a sobremesa. Nas mãos vi uma fatia de *cartola*, banana da terra amassada, coberta de canela e massa de queijo derretido. Bem no centro branco do queijo havia uma imensa gota de vermelho vivo, que não era vinho tinto.